

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marcus Paulo Machado Cesário

**HYAKUJU: UMA ANÁLISE ATUAL DA COLETÂNEA “ENSAIOS SOBRE A HERANÇA
CULTURAL JAPONESA INCORPORADA A SOCIEDADE BRASILEIRA”**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Cristina Dias Da Silva

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Marcus Paulo Machado Cesário, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201972065A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **HYAKUJU: UMA ANÁLISE ATUAL DA COLETÂNEA “ENSAIOS SOBRE A HERANÇA CULTURAL JAPONESA INCORPORADA A SOCIEDADE BRASILEIRA”**, desenvolvido durante o período de 04/11/2024 a 11/03/2025 sob a orientação de Cristina Dias Da Silva, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Marcus Paulo Machado Cesário

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

HYAKUJU: UMA ANÁLISE ATUAL DA COLETÂNEA “ENSAIOS SOBRE A HERANÇA CULTURAL JAPONESA INCORPORADA A SOCIEDADE BRASILEIRA”

Marcus Paulo Machado Cesário¹

RESUMO

Este ensaio tem intuito de analisar as diferentes narrativas e perspectivas dos autores contidos na coletânea “Ensaio sobre a herança cultural japonesa” e expor questões baseadas na atual influência da cultura nipônica e correlacioná-las com teorias de outros autores externos a obra em questão, em busca de uma melhor compreensão dos impactos da cultura japonesa na nossa própria. Sendo ela tão distante e diferente dos outros “fragmentos” principais de nossa cultura. É por esta disparidade entre nossas culturas que a “adoção” do ascendente nipônico como parte do povo brasileiro leva a um enriquecimento significativo de nossa própria identidade cultural nacional. Mas essa mesma disparidade levanta algumas questões sobre o processo em si: como algo tão distante, a ponto de ser considerada cultura quase oposta, pôde ser tão bem incorporada em nossa própria? Com esse fim, me dispus a analisar a coletânea de ensaios publicados em 2008, adicionando 17 anos de perspectiva e comparando com diferentes textos de uma pesquisa bibliográfica acerca do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Herança cultural. Nipo-brasileiro. Cultura nipônica. História.

1. INTRODUÇÃO

Hyakuju, termo de origem japonesa que se refere a uma celebração de 100 anos, é parte de um conjunto de celebrações de longevidade (Toshi Iwai) com o propósito de orar por uma vida longa e saudável. Embora esteja 17 anos atrasado para usar este termo com precisão, os relatos analisados foram publicados em 2008, em comemoração ao centenário da imigração japonesa em 1908. O objetivo aqui é aprofundar a percepção do leitor em relação à trajetória das gerações que percorreram os cem anos entre 1908 e 2008 aqui, distantes do Japão, assim como expor as principais questões e dificuldades que enfrentaram e enfrentam até hoje na tentativa de se integrar a população brasileira sem renunciar a sua herança cultural. Em relação à metodologia, trata-se de uma análise qualitativa dos relatos de autores nipo-brasileiros presentes na coletânea, utilizando como complemento outros textos relevantes encontrados em uma pesquisa bibliográfica, os quais refletem os relatos de muitos destes autores de ascendência nipônica. Este ensaio se divide em cinco partes: 1) Introdução – um ponto de partida explicativo antes de prosseguirmos nas discussões mais críticas, uma recepção informativa ao leitor, expondo as questões que busco evidenciar neste ensaio. 2) Contextualização - uma breve explicação do contexto das imigrações nipônicas no Brasil. 3) Os primeiros passos no mundo novo – uma análise das provações e trajetórias dos *issei* e *nissei* (*issei* sendo o japonês imigrante e *nissei* seus filhos/as) presentes nos relatos da coletânea. 4) Uma inversão de cenário – a terceira parte foca nos *sansei* e *yonsei* (3º e 4º geração de imigrantes, respectivamente), os autores em si e outros presentes em seus relatos, expondo o contraste entre suas trajetórias e experiências em relação a seus pais e avós. 5) Considerações finais.

Para darmos início a esse ensaio, é necessário explicar a relevância deste para a sociedade, assim como minha motivação para abordar o tema. Se eu tivesse que escolher uma palavra para descrever a motivação principal desse ensaio, seria *Kansha*. Essa palavra, que se traduz para o português como “gradidão”, permeia a cultura nipônica desde tempos antigos, presente em diversos aspectos da vida cotidiana de um japonês. Pessoalmente, eu a escolho por descrever perfeitamente o que sinto quando penso sobre a quão próxima de mim a cultura nipônica existe atualmente, em termos de culinária, linguagem, costumes, até mesmo o budismo conquistou meu encanto. Entrar em um navio, com a vida numa mala ou duas, e partir em rumo a uma terra onde ninguém entende suas palavras ou costumes, e vice-versa, comunicação próxima de nula, era uma “aventura” arriscada, no mínimo a se dizer. No entanto, não fosse essa determinação que os trouxe até nossos litorais, provavelmente meu “encontro fatídico” com alguns fragmentos da cultura nipônica não teria acontecido. Digo isso, pois, mesmo com o fenômeno da globalização, acredito que são as experiências interpessoais que nos marcam com maior intensidade, um amigo, às vezes um simples encontro. Sem entrar em detalhes, posso afirmar que fui enriquecido como ser, tanto no sentido individual quanto social, graças a fragmentos como o budismo, a filosofia (principalmente a noção de gradidão para com a vida e a natureza), e até mesmo a própria linguagem.

A coletânea “Ensaio sobre a herança cultural japonesa incorporada à sociedade brasileira” (Fundação Alexandre de Gusmão. - Brasília: FUNAG, 2008) é uma coletânea de ensaios redigidos por nipo-brasileiros que

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Cristina Dias Da Silva.

se destaca por ser uma espécie de comemoração em reconhecimento a uma trajetória centenária turbulenta, mas vitoriosa, como veremos mais a frente neste trabalho. Sendo rica em perspectivas e opiniões significantes para compreensão da imigração japonesa e seu percurso centenário, decidi extrair dos relatos lá presentes, as experiências pessoais mediante aos preconceitos, barreiras (linguísticas, comportamentais, familiar, etc.) e, principalmente, dificuldade de encontrar a si (sua própria identidade cultural) em meio a duas culturas periféricas em suas vidas. Os relatos da busca pela identidade cultural em meio a esse conflito interno, entre o que eles veem quando olham no espelho e o que veem ao seu redor no resto do Brasil, são valiosíssimos aqui, pois não somos capazes de compreender totalmente uma experiência dessas até colocarmos nossas próprias vidas em uma mala e irmos para o outro lado do mundo para criar raízes. Claro, essa não é a única obra com relatos de nipo-brasileiros, mas estes relatos incluem a vida dos avós, dos pais e do indivíduo, fazendo com que sejam múltiplos relatos sobre quatro gerações em um único lugar.

Em seu trabalho “A Antropologia Urbana no Brasil”, Rogéria Dutra e Nádia Ribeiro (2013) defendem a importância de compreender os diversos grupos que compõem os centros urbanos, assim como suas dinâmicas, uma vez que as cidades são o resultado das interações entre os diversos grupos que a compõem. Além de ajudar a compreender as dinâmicas nas metrópoles urbanas, o estudo de fluxos de imigração no Brasil é imprescindível para compreender a sua contribuição para a diversidade cultural, que, por sua vez, influencia muito o cenário da construção de uma identidade cultural nacional. Em alguns centros urbanos, como São Paulo, encontravam-se (e ainda se encontram) enormes comunidades nipo-brasileiras, uma vez que tais cidades eram cenários centrais da imigração (vale mencionar também Assaí, no Paraná, pois foi fortemente influenciada em cultura e conhecimento pelos imigrantes japoneses)

Aqui, além de analisar a trajetória das gerações nipo-brasileira, busco conscientizar o leitor sobre a diferença entre japonês e nipo-brasileiro, expondo as opiniões e relatos dos autores de descendência nipônica vivendo aqui, como brasileiros. Essa talvez seja uma questão muito simples, mas não a tomo como sendo de pouca importância. Digo isso, pois muitas das dificuldades a serem abordadas neste trabalho poderiam ser amenizadas com três coisas igualmente simples: informação, conscientização e tolerância por parte dos brasileiros. Claro, nem todas as dificuldades podem ser resolvidas apenas com isso, muitas foram inevitáveis. Como descrito por Egon Schaden:

[A aculturação] dos japoneses assume [...] abertamente a situação de conflito propriamente cultural, de vez que se tratam de configurações bem mais distanciadas entre si. Sem falar da distância racial que separa os colonos nipônicos da população nacional e que dificulta a miscigenação, fazendo recrudescer, ao contrário, as valorações etnocêntricas, o idioma, a religião, o sistema familiar, as concepções políticas, os hábitos de higiene, a cozinha e uma infinidade de costumes são de tal modo díspares que a aculturação exige uma prévia fase de desintegração cultural bem mais radical e profunda nos japoneses e nipo-brasileiros do que em imigrantes de proveniência europeia ²

Como ressalta Schaden, as condições do japonês como imigrante no Brasil não eram as mesmas de outros imigrantes que compõem hoje nossa população. Imigrantes de origem europeia, por exemplo, estão mais próximos da nossa cultura do que o extremo oriente, e, por conta disso, sua adaptação cultural se dá de forma muito mais facilitada do que a de um japonês. A desintegração cultural citada por Egon é uma das dificuldades que serão abordadas neste ensaio. Além disso, na obra “Na metrópole: textos de antropologia urbana”, José Magnani (2008) elabora os conceitos de “circuitos” e “redes” como centrais para a compreensão da identidade cultural num ambiente multicultural. Esses conceitos se alinham precisamente com os elementos ressaltados por Dutra e Ribeiro como importantes para a compreensão dos centros urbanos na perspectiva da antropologia cultural. Portanto, enriquecendo nossa perspectiva com seu trabalho, Magnani nos ajuda a compreender como as interações em rede entre diferentes circuitos transformam os grupos e o ambiente que os contorna.

Ao aplicar diferentes obras e suas teorias em minha análise da coletânea em questão, este trabalho busca também apresentar uma visão mais delimitada das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes japoneses durante

² SCHADEN, Egon. Aculturação de Alemães e Japoneses no Brasil in SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi (orgs.). Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p. 517.

sua jornada no Brasil, assim como o modo que essas dificuldades contribuem constantemente para a construção de suas identidades como nipo-brasileiros.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Antes de falar da chegada do japonês em território brasileiro em 1908, considero importante explicar o contexto de tal evento. O primeiro ponto importante a ressaltar é o conceito de *dekasegi*, sendo ele definido como o trabalho distante de casa, usado também para se referir aos trabalhadores que adotam tal prática. A ideia de sair do lar para trabalhar em um lugar distante não era estranha para o japonês, muitas pessoas que moravam em locais como Hokkaido, por exemplo, migravam para os grandes centros em busca de melhores empregos e remunerações (esses também se enquadram na definição de *dekasegi*). O segundo ponto importante que quero ressaltar previamente é o incentivo, tanto brasileiro quanto japonês, e a “propaganda” japonesa para com a imigração. No início do século XX, o Japão estava enfrentando um problema de estar superpopuloso e com a concentração rural da população enfrentando elevados índices de pobreza. Se o Japão tinha um problema, o Brasil tinha uma “solução”: as plantações de café no interior de São Paulo.



Figura 1: Pôster japonês em apoio ao processo de imigração no início do século 20. Lê-se: "Vamos para a América do Sul com toda a família!" e o nome da empresa governamental no fundo (Kaigai Kōgyō).

Fonte: https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Affiche_émigration_JP_

É importante ressaltar que, no pôster acima, a parte “com toda a família” refere-se ao interesse brasileiro de uma mão de obra estabelecida, sendo que apenas famílias com 3 ou mais trabalhadores recebiam permissão de residência. Com a crescente necessidade de mão de obra barata após o fim da escravidão do lado de cá, e a questão da superpopulação e pobreza do lado de lá, firmou-se um incentivo de ambos os lados para a imigração dos japoneses. O Brasil era anunciado como uma terra vasta, rica e próspera, com um brilhante e lucrativo futuro a oferecer, e, mediante a essas seduções, muitos japoneses viram no Brasil a oportunidade de enriquecer e voltar para casa com os bolsos cheios. Em resumo, grande parte dos imigrantes japoneses veio com a ideia de *dekasegui* em mente, já com intenção de retorno. A autora de um dos ensaios, “Um Japão no Brasil: Heranças de 100 Anos de História”, Candice Sakamoto (2008), diz o seguinte, em conta dessa intenção de retorno premeditada:

“Se os sonhos iniciais dos imigrantes japoneses no Brasil se tivessem concretizado, talvez houvesse pouco a se comemorar hoje...” (Sakamoto, 2008, pg 57)

3. OS PRIMEIROS PASSOS NO MUNDO NOVO

Tendo exposto o cenário no qual a imigração japonesa se iniciou no Brasil, a análise dessa trajetória centenária começa com os *issei* dos relatos, e, para isso, tomarei como guia os relatos de Sakamoto sobre seus avós, Satiko e Tadashi. Um dos motivos pelo qual os escolhi é como a trajetória deles exemplifica bem as condições de vida, experiências e dificuldades comuns entre as primeiras gerações de imigrantes (*issei*), como a destruição quase imediata do sonho de enriquecimento rápido e retorno ao lar, as difíceis jornadas de trabalho, salário baixíssimo, o enorme preconceito que muitas vezes definia os nipônicos como “fatores de degenerescência para o enfraquecimento de nossa raça” (Jornal do Commercio, 1943 /4/21:6), entre outros que serão expostos posteriormente. Citando a própria Sakamoto, “O caminho que ambos seguiram foi semelhante e bastante representativo da história da imigração japonesa no Brasil: iniciou-se com o trabalho pesado na lavoura e seguiu-se com a mudança para a cidade de São Paulo, onde suas trajetórias se cruzam” (pg 61).

Satiko Hirano, inicialmente registrada no Brasil como Yukiko Hirano, chegou aqui com sua família tendo apenas dois meses de vida, em 1926, enquanto Tadashi deixou seu lar em Tokyo dez anos depois, em 1936, com dezenove anos. Embora ambos não estivessem aqui nas primeiras décadas, estiveram no período mais turbulento das imigrações (1925 a 1941, tendo Santos como palco principal) que aqui ainda se categoriza como início da trajetória São duas situações que contrastam bastante, uma vez que Satiko chegou aqui sem nenhuma “bagagem” cultural de seu passado, enquanto Tadashi deixou em Tokyo uma vida cheia de costumes e valores bem diferentes dos brasileiros.

No Japão, durante as décadas de 1920 e 30, as condições estavam cada vez mais “favoráveis” para um japonês se convencer a se arriscar no Brasil. Após o fim da Primeira Guerra Mundial, instabilidade tomou conta do cenário socioeconômico japonês, os impostos decolavam em rumo ao absurdo, e o ultranacionalismo dos militares aproveitava sua ascensão para retomar planos antigos de expansão territorial, que muitos japoneses não estavam tão animados em arriscar suas vidas para realizar. Foi em meio a tudo isso que Tadashi veio ao Brasil, em busca de melhores oportunidades e em fuga do alistamento militar. Veio com sua irmã e seu respectivo marido, além de mais um casal e seus respectivos filhos. Era praticamente um curso direto para a maioria dos imigrantes: saia do navio já direcionado para o interior de São Paulo, para trabalho pesado em terras rurais.

Ambos Satiko e Tadashi tiveram essa mesma experiência inicial, embora suas perspectivas fossem diferentes. Satiko conta como sua família foi logo direcionada para uma plantação de algodão no interior de SP (São Paulo), trabalhavam muito, ganhavam pouco, logo percebendo uma falha crítica no plano de rápido enriquecimento e retorno. Tadashi conta como, oriundo de Tokyo, ficou desesperado durante sua trajetória de trem para o interior paulista, sendo que a cada parada olhava-se ao redor e não via nada que sinalizasse uma civilização, não se via nada, muito menos a prosperidade prometida. Satiko, nesse aspecto de choque perante o contraste, se beneficiou de nunca ter vivido no Japão o suficiente para ter memórias que contrastassem com o interior brasileiro, um caso de choque zero, ainda que como *issei*. Assim como para a vasta maioria dos imigrantes *issei*, ficou rapidamente claro que a única opção viável para melhores condições de vida eram os centros urbanos.

Daqui, a história de ambos segue uma versão bem comum entre os *issei* e *nissei*, com intensivos trabalhos nas lavouras até conseguir saldar as dívidas de viagem e migrar para os centros urbanos. A principal variação que chama atenção entre essa parte inicial da trajetória de ambos no Brasil é que Satiko veio como um livro em branco, estudo no Brasil, se adaptou ao português com notável facilidade (embora ainda mantivesse o uso do idioma nipônico em casa), absorveu a cultura local tranquilamente. Essa é uma vantagem enorme em relação à grande maioria dos imigrantes, como exemplo seu pai e Tadashi. Mas ambos ainda tiveram a experiência de viver em meio a um “circuito” cultural japonês bem isolado, como a grande maioria daqueles que desembarcavam do Japão.

Na obra “Na Metrópole”, Magnani (2008) introduz ao leitor o conceito de “circuitos” e “redes” para explicar as dinâmicas entre diversos grupos interação dentro dos centros urbanos, sendo um circuito um conjunto de costumes, práticas, locais de frequência, etc. (funkeiros em bailes, skatistas em suas pistas), e redes sendo o conjunto de interações entre dois circuitos, se o circuito é um meio de valores e gostos bem definidos, mais exclusivo, as redes de sociabilidade são mais permeáveis, mais abertas a ponto de promover interações entre diferentes circuitos culturais. Neste contexto, o circuito cultural dos imigrantes nipônicos era incrivelmente fechado, não havia muitas redes de sociabilidade devido à intolerância e preconceito. É importante ressaltar que tal preconceito que gerava isolamento do circuito nipônico era na maioria brasileiro, sim, mas não apenas. Houve uma enorme resistência das colônias japonesas em relação à abertura para o resto do Brasil, motivada por um orgulho genuíno da herança cultural nipônica e o medo de diluí-la ao ponto do esquecimento em meio aos brasileiros. Uma enorme rejeição perante a uniões entre nipo-brasileiros e não-nipo-brasileiros, até mesmo o acesso aos espaços de circuito nipônico por não-nipo-brasileiros, era como entrar em um beco com mil olhos. Muitos estão familiarizados com o conceito de “Chinatown”, nos Estados Unidos, e era basicamente o mesmo com

os circuitos nipônicos brasileiros, inicialmente. Vale dizer que, como ressaltado por dois dos autores da coletânea, a sociologia e antropologia cultural na época, tinha um enorme foco em “assimilar culturalmente” e “aculturação”, pintando uma imagem onde homogeneidade cultural é necessária para o nacionalismo, o que fazia com que essa resistência das colônias nipônicas ao processo de assimilação fosse mal vista pelo brasileiro, uma má vontade de fazer dar certo.

Em suma, a trajetória dos *issei* e *nissei* foi repleta de barreiras, a falta de infraestrutura adequada para lidar com o processo imigratório, o evidente abuso da mão de obra estrangeira na tentativa de tapar o buraco que a abolição da escravidão deixou, a intolerância com o fenótipo e cultura nipônica que se distanciavam demais dos que aqui haviam, e, talvez principalmente, contraste entre a língua japonesa e a brasileira (como exemplifica o próprio nome de Satiko sendo registrado erroneamente ao chegar no país). Essas barreiras são algo comum a todos os relatos de avós e bisavós (*issei* e *nissei*) dos autores da coletânea, assim como podem ser definidos como realidade padrão para a vasta maioria dos imigrantes nipônicos das primeiras décadas do fluxo imigratório.

A trajetória era esta: Chegar, trabalhar, se desiludir com as promessas, sobreviver aos abusos enquanto busca uma forma de quitar suas dívidas de viagem e migrar para as cidades e fornecer educação e melhores qualidades de vida para seus descendentes. Tudo isso enquanto lutava contra a rejeição constante por se encontrar “em meio ao crescente nacionalismo e xenofobia no Brasil” (Hayashi, 2024). Alguns dos argumentos encontrados em jornais da época (principalmente pós-Segunda Guerra) a respeito da imigração japonesa são, pessoalmente, dolorosos de se ler. Eis alguns exemplos:

“Permitir que fatores de degenerescência influam para o enfraquecimento da nossa raça é praticar um erro sem remédio” (JORNAL DO COMMERCIO, 1946 /4/21: 6).

O próximo é de João Neves da Fontoura, como chanceler brasileiro, durante entrevista ao Jornal do Commercio, em 1950:

“Tenho dos japoneses a opinião pior possível. Sou mesmo contrário à vinda deles ao nosso país. E lamento que tenhamos tão incômodos e indesejáveis hóspedes” (JORNAL DO BRASIL, 1946 /7/24: 5). 3) “O colono japonês é inadaptável a nosso meio. Não se deixa assimilar. [...] Faz questão de permanecer vinculado ao seu país de origem por toda uma série de laços que o transformam em elemento indesejável e perigoso” (Jornal do Commercio, 1950 /5/28: 7)

Um fato intrigante provindo de minha experiência pessoal é o seguinte: fiquei incrédulo ao descobrir que já foi essa nossa imagem do imigrante japonês. O motivo é bem simples, desde que me entendo por gente, desde criança exposta aos diversos estereótipos etno culturais da sociedade, o do japonês sempre foi, em senso comum, o de aplicado, disciplinado, honesto, trabalhador, intelectual de altíssimo nível que sua mãe usaria certamente de comparativo com suas notas para reforçar o argumento de que uma nota 10 é sim uma opção. E digo mais, sem muitos detalhes, meu primeiro contato com um nipo-brasileiro quando criança, guiado provavelmente pelos estereótipos de senso comum, foi certa admiração e uma pontada de inferioridade. Ver esse contraste entre o estereótipo do nipo-brasileiro hoje e essas concepções ofensivas de pós-segunda guerra mostradas acima foi algo que me mostrou o quão realmente bem sucedida foi a trajetória deles aqui, pois começar como rejeitados da população e terminar como exemplo a ser seguido não é um feito pequeno! Essa mudança drástica e seus motivos serão abordados melhor posteriormente neste texto.

4. UMA INVERSÃO DE CENÁRIO

Como disse Egon na citação feita durante a introdução deste trabalho, quanto maior a “distância cultural”, mais difícil será a adaptação do imigrante a um novo cenário sociocultural. O processo de desintegração cultural requerido é mais intenso, forçando o indivíduo a abandonar muito de sua herança cultural se quiser se adequar ao estilo de vida que rege a sociedade em que agora se encontra. Como dito anteriormente, isso era algo temível aos *isseis* e *nisseis*, pois o orgulho japonês pela sua herança cultural é imenso. Por outro lado, os *sansei* e *yonseis*, (terceira e quarta geração de nipo-brasileiros, respectivamente) não tiveram essas dificuldades de desintegração, pois já de início não eram tão integrados à sua herança cultural. O motivo disso foi citado acima, seus pais e avós lutaram e saíram do meio rural em direção ao meio urbano, as *nihongaco*, que eram escolas de valores e língua japonesa, fundadas nas colônias nipônicas iniciais para suprir a falta de oportunidade de ensino nessas regiões rurais, deixaram de ser a base do ensino e substituídas por instituições de ensino brasileiras. Vale notar que ainda

mantinham, em muitos casos, o nihongaco como complementar, uma forma de preservar a herança cultural nipônica numa geração já distante das origens.

Percorrer os anos de educação fundamental, assim como média, em uma escola brasileira gerava proximidade com a cultura brasileira muito superior à de seus ascendentes (que já vinham do Japão com ensino concluído ou estudavam em *nihongaco*), assim como um afastamento inevitável da herança cultural japonesa. Em resumo, a desintegração cultural dos sansei/yonsei de sua herança cultural se dava de forma natural e “indolor”, assim como a integração com a cultura brasileira, principalmente devido à língua. Citando a autora yonsei em “A Herança Cultural Japonesa incorporada à Sociedade Brasileira”, Kobe (2008) diz:

“Mais do que traços físicos, a língua portuguesa sobressaía como elemento de identidade, que registrava, pelas construções lexicais e morfológicas, o grau de adaptação à cultura brasileira” (KOBÉ, 2008, pg.17)

É preciso ressaltar que os sansei tiveram trajetórias mais variadas entre si, pois entre os nisseis encontravam-se aqueles que priorizavam a preservação da herança cultural, assim como aqueles que priorizavam a melhor integração de seus filhos na sociedade que agora viviam, cientes da importância de tal processo nas oportunidades de vida. Algumas famílias, já nas colônias nipônicas a décadas, mantiveram a “pureza” [sic] da linhagem intacta por gerações ao repudiar a miscigenação, como visto na passagem do ensaio de Kobe:

“...filhos de pai e mãe japoneses eram estimulados a relacionarem-se com filhos de pais e mães japoneses. Como mestiça, sentia o peso e os obstáculos a serem vencidos para qualquer aproximação que ultrapassasse a mera cordialidade.” (KOBÉ, 2008, pg.21)

Se o que marcou muito a trajetória das primeiras gerações foram a intolerância do povo brasileiro, exploração da mão de obra nas lavouras e outras dificuldades já citadas perante o processo de adaptação ao cenário sociocultural brasileiro, os sansei foram marcados pelas dificuldades na construção da identidade cultural. Como dito anteriormente, as primeiras gerações, em grande maioria, vinham com educação japonesa (issei) ou tinham a educação aqui fundamentada na nihongaco. No sentido da construção da identidade cultural, o isolamento dos circuitos culturais nipônicos facilitava as coisas, no sentido em que tudo era familiar, crescia em meio a pessoas do mesmo fenótipo, mesma língua e mesmos costumes, pois eram, essencialmente, um Japão no Brasil. Os sansei e yonsei, por outro lado, “estiveram abertas ao confronto e a comparação” (Kobe, 2008, pg.27), pois se ousaram ir mais distantes dos circuitos culturais nipônicos, quis adentrar mais a sociedade brasileira.

A essa altura, o estereótipo do nipo-brasileiro já havia mudado drasticamente na cabeça do brasileiro, se compararmos as opiniões dos jornais mencionadas no fim do capítulo anterior com a seguinte passagem descrevendo as experiências de infância de Kobe:

“Quando ainda criança, notava a tranquilidade das mães de minhas colegas, descendentes de imigrantes ocidentais, quando estávamos juntas. Parecia que os olhos puxados funcionavam como atestado de confiança e de credibilidade, de dedicação aos estudos e de disciplina. Certo é que não apenas isso determinava a qualidade e a satisfação da amizade, mas a ascendência japonesa, de alguma forma, inspirava confiança, respeito e indicava bons exemplos a serem seguidos.” (KOBÉ, 2008, pg.21)

Os motivos que geraram uma rápida mudança na percepção brasileira em relação ao imigrante japonês e seus descendentes, indo de preconceitos racistas a louvores e admiração em menos de uma década (1946 e 1954), são ligados principalmente a dois fatores: os benefícios econômicos e o renomado Milagre Econômico Japonês. As crescentes contribuições dos nipo-brasileiros no setor do agronegócio, as inovações de métodos mais eficientes e econômicos de pesca (até mesmo descobrindo espécies de peixes nunca vistas aqui em nossos litorais), e o “milagrosamente” rápido crescimento econômico do Japão no período pós-segunda guerra apesar das restrições impostas pelos vitoriosos ao fim da guerra, redefiniram a visão que temos do povo japonês. Em 1954, Chermont de Britto chega a defini-los como “elemento ideal” para o progresso no extremo norte, oferecendo até o seguinte comentário:

“Povo inteligente, admiravelmente inteligente, com uma elevada média intelectual, sóbrio, disciplinado, constituirá o seu imigrante um poderoso instrumento de progresso no extremo norte” [sic] (Jornal do Brasil, 11/5/1954: 5)

Naturalmente, o contraste entre as declarações dos jornais era visível para todos, e um processo de “esquecimento coletivo” foi necessário para seguir em frente em ritmo de progresso. Aos olhos do brasileiro, a imigração antes indesejada se tornou desejada (Hayashi, 2024).

Era neste contexto de maior aceitação que os sansei e yonsei viveram suas trajetórias de vida, mas ainda existia uma inquietação dentro deles (principalmente os sansei) que era bem característica dessas gerações. Em questão de linguagem, hábitos, preferências, o porte cultural em si, tudo inegavelmente brasileiro, mas a imagem refletida no espelho ainda carregava uma herança cultural de enorme disparidade com o fenótipo brasileiro. E se ele mesmo percebia, os outros certamente também percebiam. Os relatos de duas autoras da coletânea, Kobe e Sakamoto, relatam idêntica insatisfação com o fato de as pessoas ao seu redor atribuir-lhes valores do estereótipo nipônico (como esperar que tenham as melhores notas da turma), sendo que ambas, inclusive a irmã de uma delas, defendem vigorosamente que se sentem, se identificam, que são, indubitavelmente, brasileiras.

Outros casos de sansei, como o autor de “Campai, Saúde! Um brinde ao Brasil nipo-brasileiro”, Denis Ishikawa (2008), tiveram a experiência de pais que, como mencionado anteriormente, optaram por facilitar a integração dos filhos à cultura brasileira, nunca tendo frequentado nihongaco e tendo aprendido japonês apenas após adulto. Embora casos como o de Denis não sintam tanto a aflição de ser pressionado entre duas culturas presentes em si, não deixam de sentir em certo grau, pois mesmo aculturado inteiramente como brasileiro, sem passar pelo multiculturalismo de viver uma coisa dentro de casa e outra fora, os olhos puxados continuam lá. Tal característica, que reduzia a cada grau de miscigenação, já não era/é tão fortemente presente nos yonsei.

Tal conflito na construção identidade cultural, reforçado pela incapacidade do brasileiro de vê-los como simplesmente brasileiros, mas sim como descendente nipônico (note que o problema aqui já não é a aceitação, mas a definição), levava as gerações mais recentes de nipo-brasileiros, muitas vezes em fase mais tardia, a buscar essa herança cultural perdida nas terras do outro lado do mundo. Essa atração pelas origens, somada às crescentes crises econômicas no Brasil na década de 1990 e à grande ascensão econômica japonesa, fazem do Japão um atrativo destino para o *dekassegui*, que se tornou o início de um movimento inverso de imigração, do Brasil para o Japão.

E nesse contexto que os autores da coletânea nos trazem um dos fatos mais intrigantes da construção da identidade cultural do nipo-brasileiro sansei e yonsei. Ao chegar ao Japão, percebem imediatamente que olhos puxados e ascendência não são suficientes para serem aceitos como japoneses pelos próprios. É nesse processo de *dekassegui* inverso da década de 1990 que o nipo-brasileiro finalmente se encontra como, indubitavelmente, brasileiro. Ao buscar as origens de sua herança do outro lado do mundo, ele encontra sua identidade cultural de forma definitiva como brasileiro, e a encontra ao ser completamente rejeitado como semelhante pelos japoneses. Desde que chegam no Japão, muitos enfrentam as mesmas condições que seus antepassados enfrentaram no Brasil: barreiras como a linguística, a cultural, a disparidade entre seus próprios valores e o dos japoneses, condições de trabalho desfavoráveis, no piso mais baixo da indústria local, com salários baixíssimos. Muitos dos autores descrevem suas idas à Terra do Sol Nascente, seja por visita ou trabalho, como reveladoras de suas identidades definitivamente brasileiras.

Se por um lado a firme identificação do nipo-brasileiro com seu “brasileirismo” seja um fator extremamente positivo para a integração sociocultural no Brasil, por outro, preocupava os mais antigos dentro das colônias (principalmente os issei). A preocupação com o afastamento e esquecimento das heranças culturais nipônicas, característico nos mais jovens das colônias por se aventurarem e se educarem além de seus limites, era de imensa preocupação para os mais tradicionalistas das comunidades.

Nesse contexto, Susumu Miyao, ex-diretor e conselheiro do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, falecido em 2016, propôs uma visão que remonta à ideia de preservação da herança cultural. A ideia era bem simples: promover a cultura nipônica não só dentro das colônias, mas para todos os brasileiros. A abertura das colônias, até mesmo das nihongaco, para todos os brasileiros interessados, sejam nipo descendentes ou não, permitiria que a comunidade nipônica mantivesse sua herança cultural viva, não só em seus descendentes, mas também em todo o Brasil. Além disso, permitia que toda a cultura japonesa fosse compartilhada com os brasileiros, enriquecendo a variedade cultural ainda mais, que resultaria em um Brasil mais integrado com a cultura japonesa, e nipo descendentes ainda mais integrados com o Brasil. Ao empregar seu conhecimento e suas técnicas em prol da sociedade brasileira em geral, suas contribuições para a sociedade se destacam e ajudam a crescer a aceitação e admiração do nipo-brasileiro. Vários exemplos de como tal empreendimento pode ser bem-sucedido se encontram ao nosso redor, como hospitais (Beneficência Portuguesa, Osvaldo Cruz e Albert Einstein) e instituições de ensino (Porto Seguro, Brasil-Coreia e Dante Alighieri). Os colégios, por sua vez, servem também como fonte de disseminação da linguagem e cultura japonesa, uma vez que todos os matriculados (nipo-brasileiros ou não) aprendem a língua japonesa, assim como parte dos valores e da cultura em geral.

Portanto, a terceira e quarta geração, já diante desse novo cenário para os nipo descendentes no Brasil, compõem boa parte dos nipo-brasileiros ativos na sociedade atualmente. Não apenas uma parte do nosso país, mas uma parte bem sucedida, pois já nas décadas de 70 e 80 se encontravam, em sua maioria, inseridos nas classes média e alta do país. Os autores da coletânea de 2008, entre sansei e yonsei, já refletem o nipo-brasileiro atual, agora reconhecido como parte de nós, brasileiros, e contribuindo ao país muito além dos limites das tradicionais colônias e circuitos culturais nipônicos. Verdadeiros inovadores, aos quais sou imensamente grato por trazerem mais próximo a nós seu modo de ser e viver, suas filosofias, um conhecimento milenar que enriquece uma nação como a nossa, cuja história é tão curta se comparada à deles. Uma coisa interessante ressaltar é que todos os autores da coletânea são diplomatas nipo-brasileiros. Isso significa que, atualmente, eles não só fazem parte de nosso país, como também o representam. Como o próprio título dessa seção indica, a trajetória dos sansei e yonsei evidencia uma completa inversão no cenário do nipo-brasileiro no Brasil. Citando o ex-embaixador e ex-diretor do Instituto Rio Branco, Fernando Guimarães:

“...quantas voltas não foram dadas nesses 100 anos! Quantas vezes o destino não riu dos homens, que creem poder antecipar o amanhã! Mas a História tem a força da água: passa por todas as brechas e vai moldando a vertente que lhe convém, alheia a queixas e a preconceitos. Ao fim do trajeto, todas as águas se juntam.”

Após toda uma trajetória de dificuldades e lutas, as águas se juntaram, enfim. Por experiência pessoal, posso afirmar o seguinte: muitos termos e palavras em japonês, como *gambatte*, *soka*, *ii*, *ne*, *tashikani*, *mochiron*, e muitas outras, compõem meu vocabulário, e as uso em meio a outros não-nipo-brasileiros que as compreendem e respondem adequadamente. Me considero também um apreciador da cultura pop japonesa, assisto mais animes (em japonês, até) do que séries, metade da minha playlist de músicas é em japonês. Não tenho uma gota de ascendência nipônica, nunca tive um círculo de interações propriamente nipônico em origem (apenas estudei com alguns no ensino fundamental) e, ainda assim, graças a recente abertura das colônias aos brasileiros, aos esforços para promover sua herança cultural em nosso meio, aqui estou, imensamente grato ao me sentir enriquecido por uma cultura que se origina do outro lado do mundo e veio até nós de bom grado. Claro, a exportação massiva da cultura japonesa para o mundo, que é um fenômeno aparte da imigração em si, moldou boa parte da minha visão inicial sobre sua cultura. É necessário um olhar mais curioso se quiser realmente compreendê-los, principalmente acerca de sua história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda essa trajetória, houve luta e desprezo, houve perseverança, para enfim haver vitória. O termo *gambatte* (que em tradução livre seria algo como “dê seu melhor!”) define perfeitamente o espírito japonês que possibilitou sua transformação de rejeitados em exaltados. Essa análise nos possibilita enxergar que as contribuições nipônicas no primeiro século foram tardias, e a culpa foi majoritariamente da abordagem e postura brasileira em relação à imigração japonesa. Como abordado no texto, o preconceito e a rejeição para com imigrantes os incentivaram ao isolamento, tanto físico quanto cultural, fato que manteve suas contribuições igualmente isoladas dentro das colônias e circuitos culturais nipônicos. Devemos nos atentar para esse fator, pois somos um país cuja maior proeza, pelo menos aos meus olhos, é a diversidade cultural. As contribuições de cada povo que chegou em nossos litorais e integraram nossa sociedade nos ajudaram a formar o que hoje chamamos, todos nós, de pátria, de lar. Barrar a participação e possíveis contribuições de imigrantes é algo contraproducente, um erro que não devemos repetir em hipótese alguma no futuro de nossa nação.

Ao invés de julgar, devemos analisar, estudar, compreender. Cada etnia diferente que aqui veio e se enraizou deve ser estudada em âmbito sociocultural para ampliar nossa compreensão de nós mesmos. No fim do dia, somos todos brasileiros vivendo no Brasil. Por exemplo, é impensável se estudar as dinâmicas e o cenário sociocultural na grande São Paulo sem analisar as comunidades nipo-brasileiras que lá habitam, pois eles também são parte inseparável da metrópole. Como dito na introdução deste trabalho, acredito ter conseguido evidenciar o nipo descendente como brasileiro, mostrar que eles são tão brasileiros quanto o resto da população, são uma engrenagem vital que compõem a sociedade brasileira, e somos afortunados por isso.

Uma questão levantada por muitos dos autores em 2008 era o futuro, o que nos aguarda no próximo século de trajetória do nipo-brasileiro, agora que as barreiras, preconceitos e isolamento já não os impedem mais de se integrar e contribuir ao máximo para a sociedade brasileira na totalidade. Ao lado deles, anseio por ver o

que o futuro aguarda, já que nestes 17 anos de diferença entre nossos textos, tudo que vi em experiência própria foi aceitação e admiração pelos nipo descendentes. Sem as dificuldades que barraram sua integração e contribuição para o Brasil, como será a trajetória do segundo século da história nipo-brasileira aqui? Além da integração deles com nossa cultura, nossa integração com a cultura nipônica hoje é maior que nunca, e acredito ter evidenciado motivos o suficiente para acreditar que só irá aumentar. Aos futuros estudiosos, cabe partir desse ponto para identificar as próximas contribuições e dinâmicas da crescente integração japonesa à sociedade brasileira.

Encerro esse trabalho com a crença de que meus objetivos foram cumpridos: uma análise da trajetória secular, das barreiras e contribuições, a evidenciação da "identidade brasileira" no nipo-brasileiro, a ampliação da compreensão do leitor sobre os impactos da incorporação da cultura nipônica em nossa própria, assim como destacar a relevância de tal estudo. Se os nipodescendentes são um pedacinho do Brasil, como compreender inteiramente o Brasil sem compreender a comunidade nipo-brasileira? A análise da coletânea provou-se eficiente ao fornecer uma rica compreensão das dificuldades e contribuições da comunidade nipo-brasileira, que compõe hoje uma parte importante de identidade cultural nacional brasileira.

REFERÊNCIAS

- > DUTRA, Rogéria Campos de Almeida; RIBEIRO, Nádía Oliveira Vizotto. A Antropologia Urbana no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais, 2012. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 127 a 138, jan./jun. 2013.
- > MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 2. ed. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- > SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi (orgs.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- > HAYASHI, Bruno Naomassa. Da Imigração Indesejada à Imigração Celebrada: representações da imigração japonesa em três jornais brasileiros no imediato pós-guerra (1946-1958). **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2024. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/2238-38752024V1413>> Acesso em: 03 mar. 2025.
- > SAITO, Hiroshi. **A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira**. 1. Ed. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1977
- > HANDA, Tomoo. **Memórias de um imigrante japonês no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz: 1980
- > ODA, Ernani. Interpretações da "cultura japonesa" e seus reflexos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. v. 26, n. 75, 2011. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092011000100006>> Acesso em: 03 mar. 2025.